

SATERÉ MAWÉ E AS FORTALEZAS DO GUARANÁ NATIVO E O MEL DE MELÍPONAS

Maurizio Fraboni

Cerca de 9.000 Sateré-Mawé vivem naquela que desde os anos oitenta é a “Terra Indígena homologada Andirá-Marau”, um território de 800 mil hectares entre o Amazonas e o Pará, coração das antigas terras ancestrais deles, logo ao sul de Parintins e a l’oeste de Maués, cidade que os Mawé tira seu nome e muito mais. Eles são “os filhos do Guaraná”. Mitologicamente, o primeiro Mawé e primeiro tuxaua nasceu da cova onde a mãe, antes do começo do mundo, sepultou o primeiro menino, matado pelos tios invejosos, e o guaraná nasceu do olho direito da própria criança, semeado num buraco ao seu lado. Desde o começo do mundo, o Mawé e o Guaraná viveram e cresceram juntos; em simbiose.

Os Sateré-Mawé ensinaram ao Brasil e ao mundo as milenares técnicas de cultivo (transformação do cipó em arbusto através de semidomesticação na própria mata virgem), e de beneficiamento e conservação (sementes descascadas e piladas, modeladas em bastões, fumegadas com madeiras aromáticas) do guaraná. E suas virtudes: por eles, o Guaraná (Wará, na língua indígena) significa “começo de todo conhecimento”. Tomado ritualmente, ralando com pedra o bastão na cuja de água, durante as reuniões políticas e familiares, o Guaraná inspira “belas palavras” que criam harmonia entre as idéias, entre os desejos, entre as intenções dos participantes.

O Brasil e o mundo entenderam como quiseram, assim que o chamado “princípio ativo” do guaraná (análogo à cafeína) acabou sendo utilizado nos cinco continentes até para criar bombas excitantes; e técnicas de cultivo baseadas em monoculturas de clones dependentes de adubos e pesticidas químicos estão hoje começando a colocar a risco o patrimônio genético e o ecossistema da espécie nativa na Amazônia. Mas esses entendimentos não pertencem aos Sateré-Mawé. Por legado de seus ancestrais – aliás atribuindo esta ordem, mitologicamente, ao Imperador



Dom Pedro – os Sateré-Mawé são os guardiões do que os dois tuxauas gerais da terra indígena da época, reunidos em Umirituba em 1998, decidiram chamar solenemente de sateré-mawé éco ga’apyiat waraná mimotypoot sése; o que pode ser muito aproximadamente traduzido como: “santuário ecológico e cultural do Guaraná do povo Sateré-Mawé”. Por outro lado, o “projeto guaraná” ou “projeto integrado de etnodesenvolvimento”, que o CGTSM (Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé) leva a frente desde 1996, foi interpretado pelo tuxaua ancião da época como nada mais que a realização da antiga profecia de Onhaçabé, proferida sepultando o filho morto pelos tios: “Meu filho, teus tios queriam que tu ficasses um coitadinho, mas não serás. Tu serás grande, e tu irás pelo

mundo curando as doenças das pessoas”.

O guaraná dos Sateré-Mawé chega hoje em vinte países do mundo, onde o consumidor pode reconhecer sua origem. Com a renda do guaraná, o Conselho garante as certificações (produção orgânica em biodiversidade em conformidade aos critérios da FGP, Programa de Jardins Florestais; e relações de produção socialmente justas e solidárias conforme os

critérios da IFAT, Federação Internacional do Comercio Alternativo, a mais abrangente rede mundial de comércio justo), e financia, além de seu próprio funcionamento administrativo, vários sub-projetos, socioeconômicos e ecológicos ao mesmo tempo, entre os quais destacam-se a coleta diferenciada do lixo não orgânico (maior poluidor da floresta), e a proteção e domesticação da abelha nativa sem ferrão (maior polinizador da floresta). Esta também para a produção de mel de florada prevalente de guaraná, que agora é mais uma fortaleza do Slow Food; pois o mito Mawé conta que a Abelha, irmã do Sol, não quis segui-lo na sua viagem rumo às novas terras, mas, cheia de saudade, ficou com a tribo para cuidar das terras sagradas.

